

Manequinho Lopes, um pioneiro da agricultura

Do serviço especial

Há cem anos, no dia 14 de março de 1872, nascia em Sorocaba Manuel Lopes de Oliveira Filho, etnólogo de renome e uma das mais interessantes figuras humanas que já passaram pela redação deste jornal. Mais conhecido pelo tratamento familiar de Manequinho Lopes, assinou durante 20 anos, com as iniciais O.F. (Oliveira Filho), a secção assuntos agrícolas, que se transformou no Suplemento Agrícola.

Ao lado humano, marcado pelo pitoresco e pela irreverência que alegravam as noites de trabalho na redação dos velhos tempos, aliava Manequinho Lopes profundo conhecimento científico. O mesmo conhecimento que lhe dá um lugar pioneiro, quer no combate às pragas, quer na transformação dos métodos arcaicos característicos de nossa agricultura, notadamente no período em que redigiu os seus rodapés, ou seja, de 1918 a 1938, ano do seu falecimento.

JOVEM REPUBLICANO

Filho de Manuel Lopes de Oliveira e de d. Francisca de Assis Bueno Vieira Lopes, de velhos troncos luso-paulistas, fez seus primeiros estudos nesta capital, na Escola Morton e no Colégio Neutralidade, este dirigido por João Kopke. Seu pai militou no Partido Liberal, passando como tantos outros para o Republicano e inscrevendo-se assim entre os propagandistas do regime instaurado em 1889. Sua casa era frequentada por homens como Prudente de Moraes Campos Sales, Rangel Pestana, Vitorino Carmilo e outros republicanos históricos.

Aos 14 anos foi enviado à Europa com um grupo de rapazes, acompanhados de um preceptor. Este, porém, lá chegados, os abandonou. Nessa ocasião D. Pedro II realizava sua terceira viagem à Europa e fazia uma estação de banhos em Baden Baden. Os companheiros, em situação aflitiva, escolheram Manequinho Lopes para ir pedir a ajuda imperial. Durante a entrevista, D. Pedro II, que conhecia a filiação política do velho Manuel Lopes de Oliveira, perguntou-lhe à queima-roupa: "Você é monarquista ou republicano?"

O rapazinho não pestanejou em responder: "Sou republicano". Nem por isso o imperador deixou de providenciar o repatriamento do grupo de jovens. Manequinho Lopes, porém, continuou na Europa e estudou em Heidelberg e no Polytechnicum de Zurich, ali adquirindo os conhecimentos científicos que, como jornalista, levaria ao grande público em linguagem acessível.

Já em São Paulo, quando da proclamação da República, coube-lhe, com Alfredo Porchat, hastear no antigo Palácio do Governo, no Pátio do Colégio, a bandeira republicana. Pouco depois seu pai, talvez desiludido com o novo regime, afastava-se das lides políticas e ele, já casado, o acompanhava para uma fazenda em Botucatu. Só a Revolução Constitucionalista, anos mais tarde, o levou a abandonar suas

plantas e formigas, para alistar-se e combater na frente Norte.

O CIENTISTA

Por algum tempo dedicou-se Manequinho Lopes ao comércio do café, mas também trocou esta atividade pelos seus estudos favoritos: a pesquisa e a divulgação científicas ligadas à agricultura.

Conhecia como poucos os hábitos das formigas, especialmente da saúva, instituindo o combate metódico a essa velha praga, da qual se dizia: "Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil". Uma outra praga, a broca do café, mereceu de Manuel Lopes de Oliveira Filho estudos profundos. Sua colaboração foi solicitada pelo Instituto Biológico, onde exerceu cargos de relevo, assessorando Artur Neiva.

Durante a I Guerra orientou

Marginal pode ter passarelas

A Prefeitura está projetando a construção de passarelas para pedestres na marginal do rio Pinheiros, junto às estações da Estrada de Ferro Sorocabana. A montagem está na dependência da posição definitiva dos pontos de embarque e desembarque da ferrovia. O DER do município, que no momento se ocupa do trabalho de recuperação paisagística dos canteiros centrais daquelas pistas, ficará encarregado também desse serviço.

Será apressado, segundo determinações ontem do prefeito Ferraz, o início das obras da ponte do Jaguaré, que passará sobre as pistas das marginais do rio Pinheiros e da Estrada de Ferro Sorocabana. A passagem permitirá, além da melhoria viária e do acesso à região da CEAGESP, a interligação das pistas das marginais do Tietê e Pinheiros.

OLIMPIADA

Cinquenta mil estudantes de 200 estabelecimentos de ensino da Grande São Paulo vão participar da XII Olimpíada Infanto-Juvenil, organizada pela Secretaria Municipal de Esportes, com o objetivo, entre outras coisas, de preparar o Brasil para os jogos olímpicos mundiais. A VII Olimpíada já programou quase todas as competições, desde bola-cesto até xadrez.

sua atividade no sentido de melhorar as condições da produção de gêneros de primeira necessidade e sua exportação. Em todos esses campos contribuiu para o progresso da economia agrícola:

O SACI

Em 1917, Monteiro Lobato promovera pelas colunas do *Estado* — edição vespertina deste jornal que circulou durante a Grande Guerra — o "Inquerito sobre o Saci", destinado à defesa de nossas tradições populares. Passeando pelo Jardim da Luz, Lobato se espantara — conta um estudioso do folclore paulista — de não ver na estatuária dispersa entre as folhagens os símbolos de nossas crenças, mas apenas deuses nórdicos e anões germânicos. A pedido do escritor, Manequinho Lopes modelou então, em barro de sua chacara de Poá, a figura do Saci-Pererê, que se transformaria no bronze clássico de Brecheret.

Foi certamente sua amizade com Lobato que o trouxe para a redação do *Estado*, em 1918, em plena "gripe espanhola". Já nesse ano começam a aparecer, às quartas-feiras, os primeiros rodapés de uma nova secção — assuntos agrícolas — assinados por O. F.

O JORNALISTA

Conhecedor da psicologia do homem rural, com quem convivia no que chamava de seus "banhos de mata", valeu-se da coluna para divulgar conhecimentos que testava nos laboratórios e ele mesmo punha em prática, quer em sua chacara, quer prosaicamente no seu próprio quintal.

Foi assim que incentivou a plantação do capim kikúio. Mantinha em seu quintal um canteiro da gramínea e, pelas colunas do *Estado*, oferecia mudas a quem o procurasse ou solicitasse por carta. Entre os solicitantes estava José Romão Junqueira, chefe do Posto Zootécnico da então Diretoria da Indústria Pastoral, que com sua colaboração deu início ao cultivo intensivo do capim kikúio em São Paulo.

Orientando e esclarecendo, formou o que, com orgulho, chamava de "o seu público agrícola", ao qual, segundo ainda afirmava, "não desistiria de paulificar todas as semanas". Na verdade, seus artigos eram lidos religiosamente recortados e guardados como fontes de consulta, revelando-se especialmente úteis no combate às molestias e pragas que atacam animais e plantas.

O cultivo de eucalipto, iniciado por Navarro de Andrade sob os auspícios da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, mas combatido por um falso nacionalismo, encontrou em Manequinho Lopes um defensor entusiástico. E assim numerosas outras causas, que muitas vezes do particular passavam a refletir-se no geral. O seu campo de interesse era, porém, ainda mais vasto e inscreve-se entre os que primeiro tentaram no País a exploração do petróleo e da indústria de aço.

NO SERVIÇO PÚBLICO

Como na época do combate à saúva e à broca do café, a colaboração de Manequinho Lopes foi constantemente solicitada pelos órgãos públicos. Levado pelo prefeito Antonio Prado Junior, criou os mais belos jardins do Rio de Janeiro, como chefe da Inspetoria Agrícola e Florestal do então Distrito Federal.

Restituído a São Paulo pela Revolução de 30, continuou seus trabalhos no Instituto Biológico, para, na administração Fabio Prado, assumir a chefia da Divisão de Parques, Matas e Jardins da Prefeitura Municipal. Nesse cargo deu início ao aproveitamento do Parque Ibirapuera, ali criando o viveiro de plantas que leva seu nome. Preservou e ampliou as áreas verdes, hoje tornadas vitais para a cidade, semeando árvores e flores que nem sempre foram salvos dos apetites vorazes dos depredadores.

Vítima de molestia que contraiu nos laboratórios e viveiros de plantas, Manequinho Lopes morreu nesta Capital a 28 de fevereiro de 1938. Seu último pedido, dirigido ao prefeito por intermédio de Paulo Duarte, foi para que melhorasse as condições de vida dos operários que com ele trabalhavam. Revelava assim sua preocupação com o próximo, embora costumasse dizer: "Dia em que não faço um inimigo é dia perdido". Tratava-se apenas de uma das muitas tiradas que tornam ainda hoje seu nome lembrado, mas não podem ofuscar o verdadeiro cientista que foi.

Afora alguns opusculos, Manequinho Lopes deixou uma obra predominantemente jornalística, a qual porém constitui um marco na evolução de nossa tecnologia agrícola.



Manequinho Lopes renovou a agricultura

DIARIAMENTE DA
GRANDE

